

Do Tablete Ao *Tablet*: Uma Breve Revisão Histórica Do Uso Feito Das Tecnologias Da Comunicação Pela Religião¹

Glauber S. ARAUJO²

RESUMO

Toda religião faz uso de meios de comunicação para se desenvolver e agregar novos seguidores. Esse trabalho se propõe em levantar uma breve análise histórica do uso que a religião judaica, cristã e adventista fizeram da tecnologia para disseminar seus conteúdos ao longo da história. Começando com a era da oralidade, passando pela escrita e finalizando com a era do mundo digital, procuramos retratar cada desenvolvimento das tecnologias de comunicação e seu uso feito pela religião. Uma análise é oferecida mostrando a receptividade dessas tecnologias no meio religioso e os diferentes fatores que motivaram a escolha de tecnologias de comunicação como a pedra, o papiro, o pergaminho, a imprensa e finalmente as tecnologias modernas como o rádio, TV e mídias digitais. Finalmente, são feitas algumas reflexões sobre como que essas tecnologias afetaram e moldaram a religião, e algumas sugestões são oferecidas para nortear o futuro do relacionamento entre o Adventismo e as tecnologias de comunicação. Para tanto, será feita uma revisão bibliográfica tendo como autores referenciais Stephen M. Miller e Robert V. Huber, Wilson Paroschi, Frans van Liere e Howard B. Weeks, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia de Comunicação; Crítica Textual; História da Escrita; Cristianismo; Bíblia

Comunicar-se é uma das necessidades fundamentais do ser humano. Desde os tempos mais antigos, encontramos evidências que o ser humano buscou encontrar formas mais eficientes para se comunicar e transmitir informação. Ao longo dos séculos, novas tecnologias foram desenvolvidas para alcançar esse objetivo.

Segundo o dicionário Houaiss, o termo *tecnologia* se refere às “técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 2683). Portanto, *Tecnologias* não são apenas máquinas, componentes químicos ou instrumentos que usamos, mas também técnicas,

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016

² Bacharel em Teologia (Unasp) e Mestre em Ciências da Religião (UMESP), Editor Associado da CPB. E-mail: glauberaraujo@yahoo.com

processos e métodos. Eles têm um potencial tremendo para transformar a sociedade, sendo simultaneamente desenvolvidos por esta sociedade em mudança. Portanto, neste estudo sobre tecnologias, existem três elementos a serem considerados – as ferramentas, os processos e o contexto social.

A religião é uma instituição que têm-se debruçado sobre o assunto, avaliando o potencial e os efeitos, sejam eles positivos ou negativos, das tecnologias modernas sobre a sociedade humana. Diante do advento do rádio, televisão e internet, uma especial atenção tem sido dedicada às tecnologias de comunicação em massa. Neste trabalho, se fará uma breve revisão do relacionamento que existiu entre as religiões judaica e cristã e as diferentes tecnologias de comunicação que surgiram ao longo séculos, procurando apresentar algumas reflexões que poderão ser úteis mais adiante.

1. Da oralidade à escrita

A comunicação oral parece ter sido a primeira forma de transmitir informação. Pais contavam histórias, cantavam canções, recitavam poemas e transmitiam informações aos seus filhos, procurando assim preservar o legado, a cultura e a identidade do povo ao qual pertenciam. No entanto, conforme as histórias eram espalhadas pelas famílias e grupos, havia sempre o perigo de receberem acréscimos ou reinterpretações.

Diante dessa preocupação, procurou-se um método mais eficiente para auxiliar a memória no ato de lembrar informações. Inscrições em pedras, vasos e madeira começaram a ser feitas com o objetivo de gravar dados importantes. O ato de escrever ideias ou conhecimentos se tornou uma das grandes mudanças do tempo antigo.

O primeiro sistema de escrita que conhecemos foi o cuneiforme (c. 3200 a.C.) – uma escrita em que os sinais eram gravados em tabletes de argila úmida e, depois, deixados para secar ou assar em um forno. O tamanho desses tabletes podia variar de dois a 30 cm. Em alguns casos, também eram utilizadas tabuinhas de madeira ou marfim, com um sulco para conter um preenchimento de cera. Os profetas Isaias e Habacuque, por exemplo, foram instruídos a utilizar este material para escrever sua mensagem (Is 30:8; Hc 2:2).

Outra opção de escrita desenvolvida foi a de esculpir textos em paredes e pedras. Os egípcios, com seus hieróglifos, são os mais conhecidos pelas inscrições que deixaram

nas paredes de seus palácios, templos, túmulos e obeliscos. Escrever em pedras e paredes garantia a durabilidade e a preservação da informação inscrita. Esta opção de material era normalmente escolhida para textos reais, comemorativos ou religiosos, ou para cópias públicas de editos legais, como no caso dos dez mandamentos (Êx 32:16). Transportar essa informação para outra localidade, entretanto, se tornava um verdadeiro desafio (DOUGLAS, 2003, p. 525).

Em cerca de 3.000 a.C., os egípcios descobriram que poderiam fazer papel das tiras do caule de papiro – uma planta que crescia às margens do rio Nilo. A folha na qual se podia escrever recebeu o nome da planta – papiro – e se tornou um material excelente para escrita, pois era flexível, leve e durável. Aliás, nossa palavra *papel* se originou de *papiro*.³ As características dessa “nova tecnologia” permitiam que o papiro, por ser um material mais fino e flexível que os tabletas, fosse enrolado e transportado com maior praticidade. No caso de textos maiores, várias folhas de papiro podiam ser coladas uma à outra, formando tiras de vários metros, podendo ser facilmente enroladas. O papiro se tornou uma tecnologia tão importante no mundo antigo, que Plínio, um historiador romano do primeiro século d.C., afirmou: “a civilização ou pelo menos a história da humanidade depende do uso dos papiros” (PLÍNIO, 1991, p. 175).

Outro material que passou a ser utilizado na escrita, sendo muito mais resistente e durável que o papiro, foi o pergaminho. Esse era um material feito de pele de animais, sendo facilmente obtido pelos israelitas do passado. Embora o couro já fosse utilizado para escrita desde 1288 a.C., no Egito (DOUGLAS, p. 526), e entre os judeus, para a escrita das Escrituras desde os tempos do AT, o pergaminho passou a se tornar popular somente durante os tempos do Novo Testamento, embora com muita resistência (PAROSCHI, 2012, p. 8-9, 16). Paulo, por ser fabricante de tendas e ter que lidar com o couro, possivelmente tenha escrito algumas cartas em pergaminho (Ibid., p. 12, n. 42).

Por volta do segundo século d.C., o rolo de papiro (ou pergaminho) começou a ser substituído pelo códice, uma coleção de folhas dobradas e costuradas em uma extremidade e protegidas por uma capa – o precursor do nosso livro moderno. Por ser

³ O termo “papel” é uma forma modificada do latim *papyrus*. Ver MILLER e HUBER, 2006, p. 20.

uma tecnologia que fora amplamente aceita pela igreja cristã, sendo adotada pelos não cristãos somente séculos depois, alguns acreditam que ela tenha sido criada pela própria igreja cristã primitiva para facilitar a compilação de livros do AT ou do NT em um só volume (DOUGLAS, p. 528; cf. GREGORY, 1997, p. 322). Caso seja confirmado, será a primeira participação direta do cristianismo no desenvolvimento de uma tecnologia de comunicação (ROBERTS e SKEAT, 1954, p. 169-204).

De qualquer forma, é fato que houve uma rápida apropriação do códice por parte do cristianismo primitivo, conforme Wilson Paroschi afirma: “Um estudo comparativo revelou que 98,5% dos livros gregos do primeiro e segundo séculos são rolos, enquanto no mesmo período praticamente todos os livros cristãos são códices” (PAROSCHI, p. 21). Este fenômeno é tão marcante, que muitos estudiosos acreditam que os próprios autógrafos (textos originais) “já tenham sido produzidos na forma de códice” (ALAND e ALAND, 1989, p. 75, 102; ROBERTS e SKEAT, 1983, p. 15-23, 254-256.). Portanto, sendo seu inventor ou não, o cristianismo esteve à frente desta nova tecnologia, contribuindo para sua popularização e disseminação (PAROSCHI, 2008, p. 31).

Além de permitir que coleções de livros (evangelhos e epístolas) fossem reunidas em um só volume, o novo formato também permitia maior agilidade na localização de passagens. Seu custo era significativamente inferior, já que ambos os lados da página podiam ser aproveitados, reduzindo a quantidade de folhas necessárias (LIERE, 2014, p. 23; PAROSCHI, p. 21-23).

Mesmo assim, poucos são os códices do início da Idade Média que contêm todos os livros canônicos, chamados de *pandectas* (cf. LIERE, p. 25). O peso e tamanho de um códice nem sempre favorecia seu manuseio.⁴ Além do mais, o custo para se preparar um códice de pergaminho era muito alto. Como as folhas eram feitas de couro de animais, para uma única Bíblia, podiam ser sacrificadas mais de 500 ovelhas (LIERE, p. 21). Por isso, era mais comum encontrar códices que continham apenas alguns livros sagrados, dependendo do propósito pelo qual fora formado (ensino, leitura pública, liturgia, etc.).

⁴ Um exemplo disto é o Códice Amiatino (A), que contém 1029 folhas de pergaminho e pesava 33,65 kg.

2. A escrita da Bíblia

Ninguém sabe ao certo quando a Bíblia começou a ser escrita, mas Moisés, a primeira pessoa identificada pela Bíblia como autor, certamente utilizou o papiro para escrever. Como estavam em constante viagem, o papiro demonstrou ser o material ideal para Moisés registrar às revelações e orientações de Deus. Era um material leve que podia ser transportado com facilidade, permitindo que fosse copiado. Embora em outras nações a habilidade de ler e escrever fosse desencorajada por seus governantes, em Israel, cada família era estimulada a ler, conhecer e escrever a lei (Dt 6:9), levando o povo judeu a manifestar um índice de letramento maior do que entre os povos vizinhos (GAMBLE, 1995, p. 7).

Desde os tempos de Davi, todo o ensino das Escrituras era realizado ao redor do templo por mestres e aqueles que ali serviam. “Mestres da lei e da tradição judaica demoravam-se no pátio, dando palestras e respondendo questões a respeito das Escrituras Sagradas”, a exemplo do que aconteceu com Jesus, quando tinha 12 anos (Lc 2:46). Esdras, ao reconstruir o templo, se levantou próximo ao edifício e leu a Lei em alta voz para aqueles que haviam retornado do exílio babilônico, reinstituindo o costume de centrar a leitura da Bíblia e ensino de sua mensagem ao redor das atividades do templo (MILLER e HUBER, p. 46).

Quando Jerusalém foi destruída e os judeus foram espalhados para os quatro cantos da Terra, primeiro pelo cativo assírio e depois o babilônico, muitos judeus fieis procuraram preservar suas práticas, crenças e identidade, criando centros de estudo da Bíblia – as sinagogas. Estes eram ambientes menores que permitiam aos judeus manter contato com os seus ensinamentos sagrados, tradições e assim manter viva sua identidade religiosa e cultural. Como poucas pessoas tinham condição financeira de obter uma cópia dos livros do AT, o acesso às Escrituras se dava durante as leituras que eram feitas nas reuniões da sinagoga. Uma pessoa lia os textos em voz alta e frequentemente os comentava. Isso permitia que o conhecimento bíblico fosse disseminado entre a congregação, mesmo que a maioria não tivesse acesso direto aos textos sagrados.

3. Cópia e transmissão do texto

A partir do momento em que os autores da Bíblia começaram a colocar suas mensagens de forma escrita, iniciou-se também a tradição de copiar estes textos sagrados. Esta prática se tornou necessária especialmente pelo desgaste dos autógrafos. “O material de escrita da época, o papiro, não era mais durável que o nosso moderno papel, especialmente se submetido a intenso manuseio, ou a situações climáticas desfavoráveis”, afirma Paroschi. Os manuscritos e textos sagrados eram “lidos e relidos pelos cristãos primitivos até se desfazerem por completo e literalmente caírem em pedaços” (PAROSCHI, p. xiv).

Devido ao seu alto custo, no entanto, poucos conseguiam encomendar a cópia de uma Bíblia. A produção era lenta, cansativa e limitada. O monastério de Saint Martin, por exemplo, na cidade de Tours, França, produzia no século 9 aproximadamente duas Bíblias por ano. Para agravar a situação, muitas das Bíblias, por serem obras encomendadas pela alta sociedade, eram produzidas com o intuito de serem utilizadas por igrejas, instituições ou presenteadas para imperadores, reis, ou líderes cívicos e religiosos (LIERE, p. 35, 38). Estas Bíblias se tornavam verdadeiras obras de arte, algumas, inclusive, sendo inteiramente escritas a ouro (Ibid., p. 28; MILLER e HUBER, p. 126-129).

O que mudou este quadro foi o surgimento das primeiras universidades europeias, como as de Bolonha, Paris, Oxford, Cambridge e Salamanca. Para atender às demandas do novo mercado acadêmico, uma rede de novas instituições leigas ou religiosas se desenvolveu com o intuito de produzir cópias da Bíblia. Conforme afirma Frans van Liere, “as universidades exigiam um novo tipo de Bíblia: cópias menores, para uso ou consulta pessoal, mais baratas e portáteis... impressas em um único volume” (LIERE, p. 39). Além do mais, durante este período foram criadas novas ordens monásticas que alimentavam um interesse missionário mais intenso e precisavam de Bíblias portáteis para poderem espalhar suas mensagens por onde iam.

No entanto, conseguir uma Bíblia era um sonho que poucos tinham condições de financiar. Segundo as estimativas, uma Bíblia completa, escrita em pergaminho, podia custar o equivalente a uma casa, nos valores de hoje (BLACK, 1963, p. 416).

4. Da mão para o prelo.

Ao fim do século 15, a reprodução de textos começou a migrar da mesa de copistas para a oficina de impressores. Antes mesmo de Gutenberg e sua impressão com tipos móveis, a impressão em blocos de madeira já havia sido inventada – uma tecnologia que ajudara a baratear o custo de produção da Bíblia, pois permitia que esta pudesse ser impressa em maiores quantidades. Neste processo, palavras e figuras eram delicadamente esculpidas em um bloco de madeira, que era em seguida pintado e pressionado contra uma folha de papel, permitindo que o modelo fosse transferido para o papel (MILLER e HUBER, p. 150).

A invenção de Gutenberg deu um passo adiante. Cada tipo (peça de metal na qual um caractere fora criado) se tornava um carimbo móvel, podendo ser retirado e reutilizado para uma próxima impressão. Desta forma, podiam ser impressas várias páginas idênticas, sendo que os tipos podiam ser reutilizados para imprimir um texto novo.

Outro avanço tecnológico que contribuiu para que, gradualmente, o número de impressões aumentasse e seu custo diminuísse, foi o uso do papel. Embora fosse utilizado na China desde o fim do primeiro século d.C., o papel foi introduzido na Europa somente no século 12, passando a ser popularmente utilizado ainda três séculos depois, com a invenção da imprensa (PAROSCHI, p. 18).

A impressão proporcionou uma revolução na produção e distribuição de Bíblias. O custo de produção caiu e a quantidade de exemplares aumentou drasticamente. Esse fenômeno permitiu uma vasta disseminação das ideias de Lutero e outros reformadores posteriores, coisa que não ocorreu com Wycliffe ou os valdenses. Só “entre 1517 e 1520, as trinta publicações de Lutero venderam mais de 300 mil cópias”, mostrando que o luteranismo foi, desde o início, o pioneiro dos livros impressos. Por meio desse veículo, Lutero foi capaz de deixar uma marca exata, padronizada e indelével na mente europeia (DICKENS, 1968, p. 51).

5. Adventismo e Tecnologias

Quando avaliamos o surgimento e o crescimento do movimento adventista, percebemos que os adventistas, desde o princípio, fizeram amplo uso das tecnologias de comunicação. Guilherme Miller, além de disseminar suas ideias por todos os lugares onde

era convidado para pregar, recebeu o auxílio de Josué V. Himes para publicar suas mensagens no periódico chamado *Signs of the Times* ["Sinais dos Tempos"]. Dois anos depois, um novo periódico passou a ser distribuído – o *Midnight Cry* [Clamor da Meia-noite]. Himes afirma que, em maio de 1844, entre folhetos, revistas e livros, mais de cinco milhões de publicações já haviam sido distribuídas naqueles últimos quatro anos (SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, p. 36-37). Anos mais tarde, quando Tiago White passou a publicar a *Adventist Review and Sabbath Herald*, ela se tornou uma das revistas periódicas mais antigas dos Estados Unidos (JOHNSON).

O sucesso do uso das publicações na disseminação da mensagem adventista influenciou outros campos, como na América do Sul. Embora a Igreja Adventista contasse com poucos anos de existência no Brasil, já publicava em 1900 seu primeiro periódico, *O Arauto da Verdade* (SANTOS, 2009, p. 1). Após um século e meio de existência, a Igreja Adventista do Sétimo Dia conta hoje com 63 publicadoras oficiais espalhadas ao redor do mundo, produzindo, vendendo ou distribuindo folhetos, revistas, livros e outros materiais com sua mensagem (TRIM, 2015, p. 4).

6. Mídias de massa

Logo no início da invenção de aparelhos de rádio, o adventismo percebeu o potencial dessa nova tecnologia na divulgação de suas mensagens. Desde a década de 1920, centenas de pregadores evangélicos identificaram o potencial evangelístico oferecido pelo rádio e passaram a transmitir suas mensagens e a produzir programas semanalmente (BLUMHOFER, 1997, p. 139). A igreja adventista foi uma que, já em 1924, tinha pastores adventistas que empregavam o rádio para transmitir suas mensagens pelas cidades onde atuavam. Um evangelista que, antes, conseguia lotar um auditório com 3 mil pessoas, podia agora alcançar uma audiência de 50 mil pessoas (WEEKS, 1969, p. 142).

Diante do potencial oferecido pela rádio, Harold M.S. Richards iniciou em 1930 seu programa chamado *The Tabernacle of the Air*, posteriormente recebendo um novo nome: *The Voice of Prophecy*. Esse se tornou, em 1942, um dos primeiros programas religiosos a aparecer em transmissões nacionais americanas (KNIGHT, 1999, p. 134; WEEKS, 1969, p. 194). Essa tecnologia passou também a ser empregada fora dos Estados

Unidos, como no caso de Bráulio Perez, que começou a transmitir *La Voz de la Profecia* em língua espanhola para a América do Sul, em 1942 (LAND, 2015, p. 273). No ano seguinte, o programa começou a ser transmitido em português para o Brasil sob o nome *A Voz da Profecia* (SCHWARZ e GREENLEAF, p. 568).

O uso da televisão também se tornou uma ferramenta poderosa para atrair pessoas para a mensagem. Robert L. Boothby foi um dos primeiros evangelistas adventistas a transmitir pregações na televisão, em 1948-1949, com seu programa intitulado *Heralds of Hope* (WEEKS, p. 249). Percebendo o potencial que a televisão apresentava para transmitir a mensagem, a Igreja aceitou, em 1950, patrocinar o programa de William Fagal, *Faith for Today*, se tornando a primeira denominação cristã a estabelecer uma rede de transmissão de programas na televisão. Estima-se que até 1965, mais de 10 mil pessoas já haviam se convertido graças a esse programa. Foi durante esse período, em 1958, que George Vandeman iniciou seu programa *It is Written* (Ibid., 249-250).

Refletindo sobre esse período, havia a percepção disseminada entre os líderes da igreja de que todas essas tecnologias modernas deveriam ser empregadas para a pregação do evangelho. Para Louis K. Dickson e muitos outros, elas estavam sendo colocadas à disposição por Deus “para apresentar a mensagem às massas de pessoas de forma rápida e eficiente” (WEEKS, p. 140).

No entanto, apesar do sucesso de audiências que as novas tecnologias de comunicação proporcionavam, sua aceitação não ocorreu da noite para o dia. Muitos criticavam iniciativas como a de H. M. S. Richards como sendo demasiadamente radicais, inovadoras ou inexperientes. Havia o medo de que todos aqueles equipamentos tomassem o lugar do evangelismo, substituindo a pregação da Palavra.

Enquanto isso, no Brasil, a *Voz da Profecia* estava sendo inaugurada em 1962, sendo “o primeiro programa religioso a ser transmitido em rede nacional no Brasil” (GREENLEAF, 2011, p. 524). No mesmo ano, Alcides Campolongo começou a transmitir o programa *Fé para Hoje*, na TV Tupi (TONETTI, 2009, p. 163). Em 1976, os líderes da igreja já contavam com “495 emissoras transmitindo 1100 programas adventistas por semana, com um público estimado de 25 mil” (GREENLEAF, p. 525).

Após mais de 25 anos, a Igreja Adventista no Brasil inaugurou em 1989 sua primeira transmissora de rádio – a Rádio Novo Tempo. Hoje, ela possui 104 emissoras próprias, cobrindo aproximadamente 800 municípios do país. De toda a América Latina, o Chile é o país com maior cobertura da rádio adventista – 85% da população recebe o sinal da rede Nuevo Tiempo de Radio (ROSA, 2009, p. 79).

O programa *Está Escrito*, por sua vez, após anos de transmissão pela rádio, passou a ser transmitido em 1991 pela televisão. Desde seu início, este programa já foi dirigido por pregadores como Alejandro Bullón, Mark Finley e George Vandeman (dublado), Fernando Iglesias e Ivan Saraiva. Diante da necessidade de unir todos os programas televisivos da igreja em um único canal, a TV Novo Tempo foi inaugurada em 1996, passando a ser o órgão oficial da igreja no Brasil para transmitir a mensagem adventista para milhares de telespectadores (HOLDORF, 2009, p. 186-187).

Com o advento da internet, a Igreja Adventista logo percebeu que, se usada corretamente, poderia divulgar sua mensagem de forma mais poderosa que os outros meios o haviam realizado no passado. Segundo Santos, o primeiro site a ser lançado por um brasileiro adventista foi em 1994 (2009, p. 19). Logo em 1995, o programa *Está Escrito* lançou no ar o primeiro site institucional adventista brasileiro, na expectativa de aumentar a visibilidade do programa entre as diferentes populações que mantinham acesso à rede mundial (SANTOS, 2009, p. 22).

Depois de vários anos e de uma crescente conscientização por parte dos líderes da igreja quanto ao potencial da Internet, o programa *Escola Bíblica*, da TV Novo Tempo, lançou em 2012 o site biblia.com.br, na expectativa de disponibilizar estudos bíblicos para interessados. Conforme Marcio Tonetti constata, “os números registrados pelo biblia.com.br atestam sua importância para a pregação do evangelho no ciberespaço. Para se ter uma ideia, de 2012 a 2015, foram registrados mais de 191 mil alunos, somente na modalidade *on-line*, além dos milhares que se cadastraram por meio da internet para receber o curso bíblico impresso”. Tonetti continua afirmando que, segundo dados do departamento de Web da Novo Tempo, de 2009 a 2015, a igreja contabilizou mais de 126,9 milhões de acessos a seus diferentes sites e portais (TONETTI, 2016).

7. Conclusão

Nos dias de hoje, existe uma variedade muito maior no uso de tecnologias da comunicação. Bíblias podem ser adquiridas na forma de *audiobooks*, permitindo que o ouvinte escute a Bíblia enquanto está dirigindo, correndo ou passeando. Com o surgimento de computadores pessoais, versões digitais da Bíblia podem ser adquiridas. Com o advento da internet, programas gratuitos podem ser baixados e instalados no computador, contendo centenas de versões bíblicas em línguas diferentes, além de ferramentas de estudo, léxicos, dicionários, comentários, interlineares, e etc.

Outra tecnologia recente que tem permitido disseminar o texto bíblico são aplicativos para *smartphones*. De forma instantânea, é possível enviar mensagens inspiradoras, motivacionais e bíblicas para qualquer pessoa ao redor do globo usando o celular. Segundo o site *Bible.com*, desde de seu início, em 1996, mais de 225 milhões de aplicativos da Bíblia já foram instalados em celulares e *tablets*.⁵ Por meio destes, qualquer pessoa pode acessar, em qualquer lugar ou momento, a Bíblia de forma gratuita. Tais tecnologias têm realmente contribuído à propagação do evangelho a “cada nação, e tribo, e língua e povo” (Ap 14:7)

Cada tecnologia empregada pelo povo de Deus para transmitir as mensagens contidas na Bíblia foram escolhidas por motivos específicos, considerando o contexto e propósito: a pedra, para valorizar a durabilidade do texto; as tábuas de madeira, para leitura pública; o papiro, por sua praticidade, leveza e facilidade de transporte; o pergaminho, por sua qualidade e durabilidade; o papel, por seu baixo custo e praticidade; o rádio e a TV, por seu potencial de divulgação; a internet, por seu baixo custo e capacidade de alcance mundial. Não eram escolhidas meramente por sua novidade ou atratividade, mas porque podiam contribuir de alguma forma na disseminação da mensagem de esperança.

No entanto, quanto mais a igreja utiliza tais tecnologias, mais explícitos se tornam os riscos envolvidos. Enquanto é possível divulgar bons conteúdos para audiências cada vez maiores, maior se torna também o impacto de erros ou distorções da mensagem. Além

⁵ <https://www.bible.com/pt>. Acessado em 01 de junho, 2016.

do mais, qualquer mensagem transmitida pela igreja por estes canais de comunicação recebe o “selo” da organização, aumentando o cuidado que devemos ter em avaliar, filtrar e zelar pelos conteúdos que são emitidos pela igreja.

BIBLIOGRAFIA

ALAND, Kurt e ALAND, Barbara. **The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989.

BLACK, M. H. “The Printed Bible”, em GREENSLADE, S. L., ed., **The Cambridge History of the Bible: The West from the Reformation o the Present Day**. Cambridge: Cambridge University Press, 1963.

BLUMHOFER, Edith L. “Tuning In: A Historical Look at Evangelicals, Pentecostals, and Electronic Media”, em SOUKUP, Paul A. e HODGSON, Robert, eds. **From One Medium to Another: Communicating the Bible through Multimedia**. Kansas City, MO: American Bible Society, 1997.

DICKENS, Arthur Geoffrey. **Reformation and Society in Sixteenth Century Europe**. Nova Iorque, NY: 1968.

DOUGLAS, J. D., org., **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2003.

GAMBLE, Harry Y. **Books and Readers in the Early Church: A History of Early Christian Text**. New Haven, CN: Yale University Press, 1995.

GREENLEAF, Floyd. **Terra de esperança**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

GREGORY, Caspar René. **Canon and Text of the New Testament**. Northville, MI: Biblical Viewpoints, 1997.

HOLDORF, Ruben, org. **História da comunicação adventista no Brasil**. E-book. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. “Tecnologia”. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.

<https://www.bible.com/pt>. Acessado em 01 de junho, 2016.

JOHNSSON, William G. “Our Roots and Mission”, **Adventist Review**, <http://www.adventistreview.org/our-roots-and-mission>. Acessado em 01 de junho, 2016.

KNIGHT, George R. **A Brief History of Seventh-day Adventists**. Hagerstown, MD: Review & Herald, 1999.

LAND, Gary. **Historical Dictionary of the Seventh-day Adventists**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2015.

LIERE, Frans van. **An Introduction to the Medieval Bible**. New York, NY: Cambridge University Press, 2014.

MILLER, Stephen M. e HUBER, Robert V. **A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2008.

PAROSCHI, Wilson. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

PLÍNIO, **Natural History: a Selection**. Londres: Penguin Books, 1991.

ROBERTS, C. H. e SKEAT, T. C. **The Birth of the Codex**. Londres: The British Academy, 1983.

ROSA, Edson, org., **Esperança viva: nossa missão é servir**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

SANTOS, Jobson Dornelles, **Uso da Internet na evangelização adventista no Brasil**. Tese de doutorado pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus Engenheiro Coelho, 2009.

SCHWARZ, Richard W. e GREENLEAF, Floyd. **Portadores de Luz**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.

TONETTI, Márcio, “Senhor das câmeras e do microfone”, em HOLDORF, Ruben, org. **História da comunicação adventista no Brasil**. E-book. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2009.

TONETTI, Márcio, “O Evangelho na Rede: O Potencial Evangelístico Adventista na Internet”, a ser publicado em Vanderlei Dorneles, org., **Mundo Virtual: Riscos e oportunidades das novas tecnologias**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

TRIM, D. J. B. **2015 Annual Statistical Report of the Seventh-day Adventist Church**. Silver Spring, MD: Office of Archives, Statistics and Research, 2015.

WEEKS, Howard B. **Adventist Evangelism in the Twentieth Century**. Washington, DC: Review & Herald, 1969.